

Duas faces da investigação

Jornalista e historiador, Domingos Meirelles tem 40 anos de carreira e há quatro leva seriedade ao *Linha Direta*

ALEXANDRE MARON

Não importa que a tragédia da semana seja das mais bárbaras. Ao contrário do que se vê em outros programas que tratam de temas parecidos, o apresentador do *Linha Direta*, Domingos Meirelles, não grita nem cospe na câmera. Mantém o tom calmo, porém grave. A serenidade respeitosa do jornalista de 64 anos é um reflexo da seriedade de sua carreira, que completa quatro décadas neste ano.

Meirelles queria mudar o mundo em 1964, quando, aos 24 anos, re-

solveu largar o ofício de vendedor de máquinas de escrever e foi pedir emprego na redação do extinto jornal *Última Hora*, que combatia o regime militar. Tanto tempo depois, o jornalista afirma que seu objetivo continua o mesmo.

Sua atual tribuna é o *Linha Direta*, programa que sempre foi alvo de crí-

ticas em seus cinco anos de existência, completados algumas semanas atrás. A atração surgiu em 1999, sob o comando de Marcelo Rezendé, misturando jornalismo e dramaturgia para divulgar crimes e ajudar a polícia a prender

foragidos. Meirelles entrou no segundo ano, após a saída de Rezendé, e trouxe um clima mais leve à atração.

“O Domingos tem uma cara de pai indignado com as tragédias, mas que respeita as leis. Essa é a mensagem do *Linha*. Nós não somos a polícia, queremos ajudá-la”, explica Milton Abirached, diretor-geral do programa.

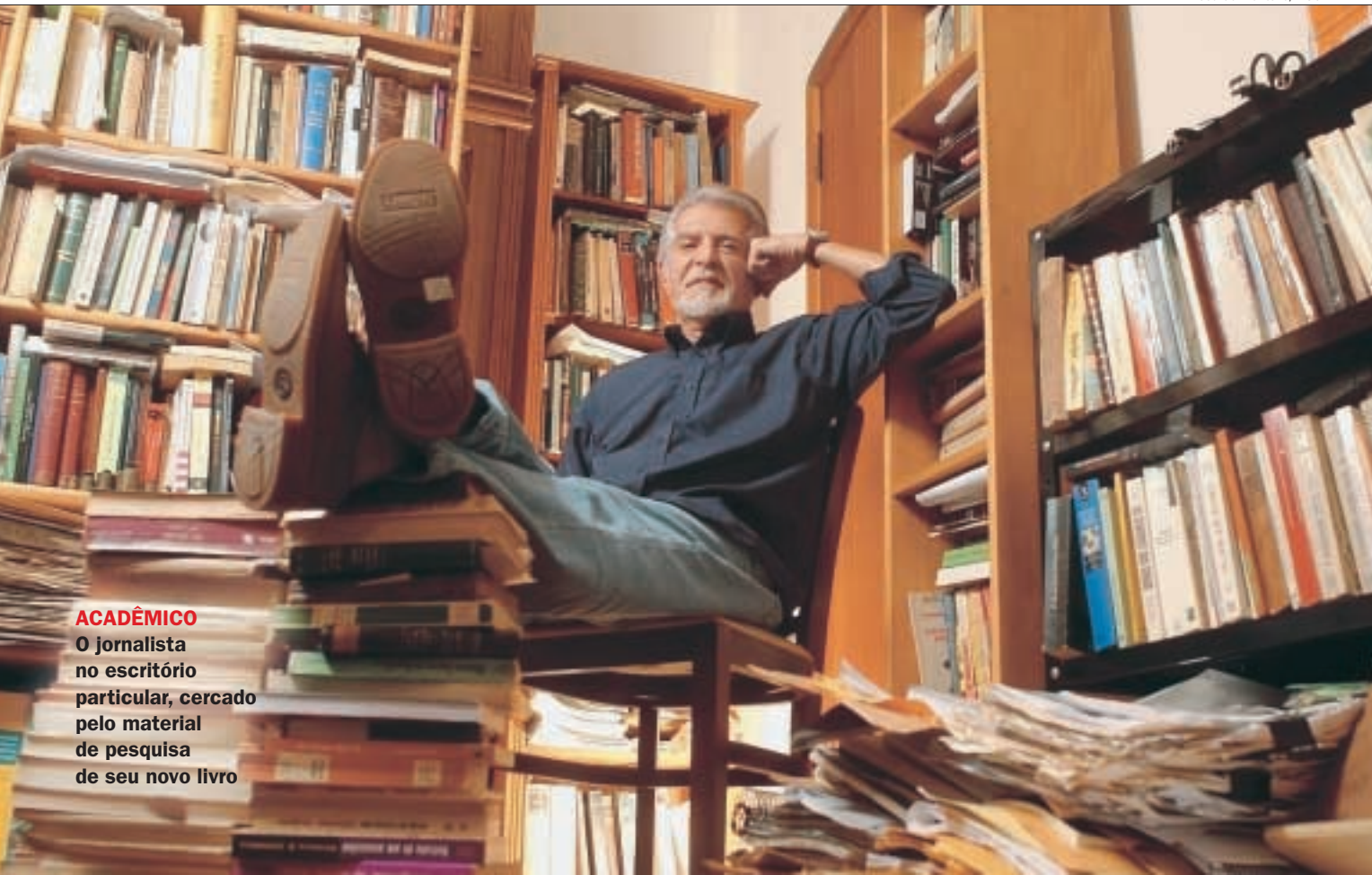
Os resultados são expressivos. Até a terça-feira, eram 295 foragidos capturados pela polícia com a ajuda de informações dos telespectadores. Destes, 20 foram presos antes mes-

Até a terça-feira,
295 foragidos
foram capturados
com a ajuda
dos telespectadores



NA TELINHA
Meirelles apresenta
sem exaltação

Eduardo Monteiro/ÉPOCA



ACADÊMICO
O jornalista
no escritório
particular, cercado
pelo material
de pesquisa
de seu novo livro



Divulgação TV Globo

mo de a atração ir ao ar e seis foram encontrados no exterior.

Se os casos são tristes, algumas prisões beiram o patético. Jaime Bispo Guimarães, conhecido como Rambo, foi preso ainda com a atração no ar, em agosto de 2001. "Ele começou a ver, deu o comercial e, em vez de fugir, ficou curioso por saber se haveria mais alguma coisa. A polícia o pegou no sofá, com as malas prontas", conta o apresentador, sem perder o tom sério.

Meirelles dá sugestões nas pautas e no texto do programa. O caso desta quinta-feira, 29, será o naufrágio do Bateau Mouche, sugestão sua. Mas em geral seu envolvimento com o *Linha Direta* não vai além da apresentação. O que poderia ser frustrante lhe dá a oportunidade de dedicar-se a seu segundo livro, sobre a revolução de 1930, que deverá chegar às livrarias até o fim deste ano. A primeira aventura literária – *As Noites das Grandes Fogueiras: uma História da Coluna Prestes* – foi lançada em 1995, depois de duas décadas de pesquisas, que se iniciaram em uma reportagem publicada no *Jornal da Tarde*, em 1974.

Para o jornalista que queria fazer a diferença, estar em um programa que traz resultados tão rápidos deveria ser motivo para júbilo. Domingos diz que não é tão simples assim. "A satisfação que o *Linha* me dá é a de levar à reflexão sobre as histórias que contamos. E, se eu não conseguir isso com a TV, ainda tenho os meus livros. O que importa é fazer as pessoas pensar." E pensar não implica necessariamente ser maçante. ■



NO CAMARIM Preta Gil retoca a maquiagem e se prepara para a gravação

Sem papas na língua

Preta Gil quer ser Hebe, mas leva para seu programa de TV escracho e convidados bizarros

Preta Gil, filha de Gilberto Gil, é uma mulher corajosa. Quem diz isso é a diretora artística da TV Bandeirantes, Marlene Mattos. Essa característica levou Preta a ter o próprio programa, no formato que queria e com estréia marcada para o sábado 31. No *Caixa Preta*, a cantora deseja arrancar de famosos e anônimos coisas nunca antes reveladas. Parece uma tarefa difícil para quem quer disputar com Hebe, mas Preta dá indícios de que conseguirá. Na primeira gravação, arrancou da cantora Kelly Key um episódio bizarro. Kelly contou que soltou um pum na frente de seus amigos da escola e que ninguém falou com ela por uma semana.

A proposta é bem essa. No primeiro quadro, surge uma enorme caixa preta, com várias perguntas. Dois convidados jogam dados e respondem a questões aleatórias. No segundo quadro, o palco se converte numa casa e os entrevistados ficam à vontade – até de-

mais. Dirigida por Tininha Araújo e supervisionada por Marlene, Preta almeja fazer seus convidados destravar a língua. A relação com Marlene vai bem, mas as duas discordam ao definir o programa. A diretora diz que a atração é para quem não quer pensar, apenas se divertir. Preta jura que pretende acrescentar algo ao espectador e tem compromisso por ser filha do tropicalismo. "Vou trazer o diretor de teatro Zé Celso. Pode não dar ibope, mas é um exemplo de criatividade", argumenta.

Preta promete para a primeira semana entrevistas com Caetano Veloso, José Simão e Costanza Pascolato. Seu estilo mistura palavrão e brincadeira. O resultado é um programa com uma apresentadora que, novata, se sente à vontade. Seu jeito extrovertido chama a atenção, mas no programa isso beira o exagero. Mais escrachada que engraçada, não precisou de orientação para enfatizar o deboche. Ao contrário, Marlene revela que vai fazer uma

vinheta com uma frase do ministro Gilberto Gil. "Desnecessário, Preta!", diz Marlene, imitando o sotaque baiano. Pela precaução da equipe já dá para saber que muitos excessos virão, para a diversão do espectador. ■

LINA CAVALCANTE

Fotos: Raphael Falavigna/ÉPOCA



ESTILO
A cantora faz caras e bocas